

ROTHA

Cultural

***Jornalismo para preservar culturas,
memórias, identidades e patrimônios***

Edição 3 Maio/junho 2023

Inspirado no cassino luxemburguês, construído na década de 1940, o Hotel Cassino em Monlevade acolhia os recém-chegados funcionários da então Belgo Mineira e convidados vindos de vários países.

Também tinha um restaurante que servia pratos típicos luxemburgueses e seus salões eram usados para recepções e festas memoráveis. Hoje, é patrimônio do município e ambienta o conto vencedor: Memórias de Monlevade.

 **/rothacultural**



Prêmio Louis Enschede de Literatura e Fotografia

A Fundação Casa de Cultura promoveu neste ano o “Prêmio Louis Enschede” nas modalidades fotografia e conto/crônica. Com a temática “Memórias de Monlevade”, o concurso integrou a programação comemorativa dos 59 anos de emancipação de João Monlevade, celebrado em 29 de abril. Os partici-

pantes retrataram os bens patrimoniais tombados (materiais), registrados (imateriais) ou inventariados no município.

A iniciativa é uma das ações da política de educação patrimonial que valoriza e amplia o conhecimento sobre os bens culturais e tradições fortalecendo a identidade e o amor pelo município.

A proposta é fundamental para valorizar e preservar as memórias de João Monlevade. “É muito importante registrar e difundir histórias, valores, saberes e destacar os nossos patrimônios, como foi a proposta do concurso. É preciso primeiro conhecer nossas histórias, nossos patrimônios para

depois aprender a amar, despertar o pertencimento e o orgulho da cidade”, afirma o escritor, professor e jornalista Erivelton Braz, editor do Rotha Cultural, vencedor na modalidade Conto/Crônica. Confira, com exclusividade, os contos premiados, nesta edição do Rotha Cultural.

Louis Enschede: Pai da Siderurgia nacional

O título do concurso homenageia o engenheiro luxemburguês Louis Jacques Enschede, considerado o pai da siderurgia nacional. Ele nasceu em 1895 e chegou ao Brasil em 1927. Louis Enschede foi o primeiro Diretor-Geral da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira (CSBM) e um dos grandes pioneiros do progresso industrial de Minas Gerais e do Brasil.

A história de Enschede e da Belgo começa com uma difícil missão. Ainda em Luxemburgo, ele era engenheiro siderurgista da Aciéries Réunies de Burbach-Eich-Dudelange (ARBED), grande produtora de aço europeia e uma das proprietárias da Belgo.

O grupo o envia ao Brasil porque uma de suas unidades, a usina de Sabará, passava por grandes dificuldades. Uma enorme crise decorrente da queda dos preços do ferro nacional, somada à dificuldade de vender os produtos, ameaçava o empreendimento.

O trabalho do jovem engenheiro, então com 32 anos, era recuperar a Usina ou encerrar as atividades.

Conforme registros, as instalações compunham-se apenas de um

alto forno, um forno de aço e um laminador, com a capacidade de produção de 6 mil toneladas de aço por ano. Com sua visão e talento, Louis Enschede dedicou-se ao projeto para reverter a situação. Entre 1927 e 1934, ele investiu em equipamentos, reorganizou e ampliou a antiga usina, construindo outro alto-forno, dois fornos de aço, aumentou as instalações do laminador e elevou a capacidade produtiva para 30 mil toneladas anuais.

Os esforços de Enschede, em 5 anos, mudaram de vez os rumos da Companhia. Resolvida a demanda industrial e financeira de Sabará, ele lançou-se, em seguida, à concretização de um novo empreendimento, que viria a consagrá-lo definitivamente, como um dos maiores siderurgistas do Brasil: a Usina de Monlevade. Ele pró-

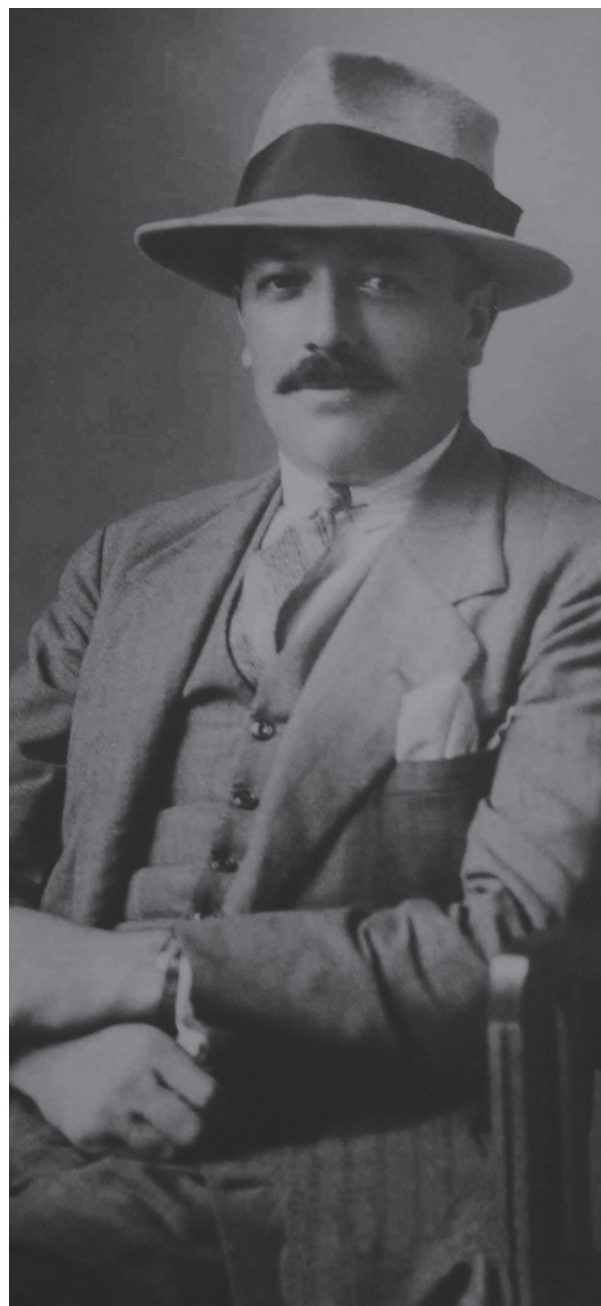
prio projetou e comandou a execução para a implantação daquela que é até hoje uma referência mundial na produção do aço.

Em 1935, iniciava-se a nova planta industrial em João Monlevade e a partir dela, “ergueu-se uma brava cidade”. Com olhar social, paralelamente ao desenvolvimento da siderúrgica, Enschede desenvolveu em seu entorno, vilas operárias, hospital, escolas, postos de abastecimento, igreja e clubes desportivos para os trabalhadores. Em Monlevade, o Hospital Margarida tem esse nome em homenagem à sua mãe, Margueritte Enschede.

Na vida pessoal, Louis Enschede era casado com a brasileira Maria Coutinho Enschede que conheceu em Belo Horizonte e que o acompanhou ao longo da vida.

Em 1953, Louis Enschede faleceu de forma súbita, em Luxemburgo, onde encontrava-se para tratar de assuntos relacionados à empresa. Sobre tudo, à expansão da Usina de Monlevade. A seu pedido, o corpo é trazido ao Brasil de avião e desembarca em Belo Horizonte, seguindo para Monlevade onde é velado com grande comoção. O sepultamento, conforme seu desejo, ocorre no Cemitério Histórico, ao lado do túmulo de outro grande europeu que fez história em Minas e no Brasil com sua fábrica de ferro: o francês Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade.

Conforme o engenheiro Antônio José Polanski, ex-presidente da Belgo Mineira e que escreveu livros sobre Enschede, “a história de Louis Jacques Enschede no Brasil confunde-se com a história da própria Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. A bem da verdade, é a história da própria Belgo Mineira até o ano de 1953”, afirma.



Reprodução

EXPEDIENTE:

JORNAL ROTH CULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA

Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ rothaassessoria@yahoo.com - CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida - Tiragem: 1.000 exemplares - João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Julieta Bittencourt

Memórias de Monlevade: Os Mitos não Morrem Jamais

Prêmio Louis Enschede: Categoria Conto/Crônica



1º Lugar: Erivelton Braz

Erivelton Braz é graduado em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Professor e jornalista, atua há mais de 20 anos na área de comunicação, com ênfase no jornalismo e marketing. Atualmente, é editor do Jornal A Notícia e fundador da Rotha Cultural.

Quarta-feira, 9 de setembro de 1953. O dia em que Monlevade parou. Os alunos do Ginásio Monlevade foram dispensados mais cedo. As festas no Grêmio e do Ideal foram canceladas. O cinema suspendeu as sessões e o mercado baixou as portas, deixando a praça mais triste.

Naquele dia, os homens tiraram os chapéus, as mulheres puseram as crianças para dentro. Um silêncio ensurdecedor tomou conta de Monlevade e fez-se mais alto que os sons da Usina. Monlevade se viu paralisada quando chegou a notícia que ninguém gostaria de ouvir e que nenhum homem se atreveria a dizer sem soluços: Dr. Enschede morreu!

Não se sabia ao certo o que havia acontecido, abrindo as portas do mistério. Louis Jacques Enschede, criador da usina de Monlevade, estava em viagem à sua terra natal, Luxemburgo. Teria sido um mal súbito? Um acidente? Desgostoso por alguma notícia junto à diretoria da empresa, matara-se?

O que teria causado sua morte? Perguntas sem respostas ecoavam por todas as casas da Cidade Alta, Vila Tanque, Avenida Aeroporto e Baú. O mesmo acontecia na rua dos Contratados, onde viviam os estrangeiros. A profusão de idiomas luxemburguês, belga, francês, italiano, polonês e alemão, formava uma babel incompreensível.

Louis Enschede teve um fatal ataque cardíaco no Grand Hotel Brasseur, onde se hospedara com sua amada esposa, Maria Coutinho. O aviso fúnebre veio com um detalhe surpreendente: a seu pedido, seria sepultado no “Cemitério dos Escravos”, ao lado do túmulo de Jean de Monlevade.

Por cinco longos e intermináveis dias e noites, o Hotel Cassino, construído anos antes para receber os recém-chegados colaboradores da Usina, vindos de várias partes do Brasil e do mundo, funcionou por 24h. “Eu vim ao funeral do rei do aço”. Era a frase mais dita pelos que vieram de todo o país para a despedida final.

Embora o mais requintado, o hotel não comportava a todos. Foi preciso fazer um rodízio de sonos: Os que dormiam de dia, passavam a noite acordados. Para passar o tempo, uísque, charutos e cartas, até que os que repousaram à noite, se levantassem e lhes dessem lugar. Os funcionários não foram embora revezavam-se para dar conta do trabalho. Exaustos, era como se estivessem



Funeral de Louis Enschede reuniu milhares em João Monlevade

Reprodução

num carnaval sem fim de pura agonia.

À espera do velório, na porta do Cassino, relembravam histórias. Todos tinham um caso a contar. Mesmo no comando da maior Usina da América Latina, Louis Enschede conhecia as pessoas. Sempre perguntava como estavam passando, conversava com os trabalhadores, percorria a fábrica à pé. Com as mulheres, era cortês e com as crianças, sorridente. Fez para elas o lactário e dava brinquedos nos Natais, entregues pessoalmente por sua esposa.

De repente, no salão do Cassino, alguém levantou a taça e bradou um viva a Louis Enschede. Outro puxou um aplauso. Uma mulher desconhecida, olhou uma foto dele e soluçou. O marido lhe estendeu o lenço e foi um chorar mais sem fim. A dolorosa morte de Dr. Enschede retumbou nas encostas de onde ele esculpiu a poderosa Usina em seu entorno.

Nos barrancos avermelhados, como os do sul de Luxemburgo, ele fundou a gigante do aço, com saberes europeus e braços e mãos brasileiros. A Usina mestiça,

feita coletivamente por “belgas e mineiros”, surgiu a metros do Solar, onde o francês Monlevade dera início ao berço da siderurgia nacional, um século antes.

Para a nova vida pulsante, Louis Enschede implantou o primeiro núcleo urbano do país industrial planejado do país: clubes, escolas, vilas e moradias de operários com projetos arrojados, que se tornaram referências na arquitetura brasileira. Os que choravam, lembraram que Louis Enschede fora um grande homem de sentimento universal, tornando-se senhor do chão que habitou. “Morre o homem, fica a fama”, alguém suspirou mais alto, dez anos antes desse verso virar sucesso de Ataulfo Alves.

O adeus durou dois dias de lágrimas. Um cortejo, como jamais visto, acompanhou o gigante pelas ruas que construiu, até o destino último. Em frente ao Social, clube que ele fundou, está o cemitério que Monlevade edificou. Lado a lado, os dois pioneiros descansam sob os sons da sinfonia de aço que compuseram. Os mitos não morrem jamais.



Fotografias Vencedoras

Imagens dos Patrimônios de Monlevade

Na categoria fotografia, as imagens foram disponibilizadas para votação popular, no Instagram da Fundação Casa de Cultura. Em seguida, uma comissão técnica definiu as três melhores.

1º Lugar



Jacqueline Silvério Fernandes

"Tríade Siderúrgica"

2º Lugar



Anne Francielly Araújo Faria

"Solar Monlevade"

3º Lugar



Daniel Augusto Santos Martins

"Serpenteador e Solar Monlevade"

1º



2º



3º



Patrimônios de João Monlevade: Saiba mais!

Patrimônio cultural é tudo aquilo que possui importância histórica e cultural para um país ou uma pequena comunidade, como a arquitetura, obras, monumento. Mas também festas, danças, música, manifestações populares, artes, culinária, entre outros saberes que caracterizam um povo e o tornam singular por isso.

Dessa forma, os patrimônios são uma ótima fonte de pesquisa sobre raízes e tradições da sociedade. No Brasil, os patrimônios históricos são geridos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que está vinculado ao Ministério da Cultura desde 1937.

Segundo o Decreto-lei nº 25

de 1937: “Art. 1.º — Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”

A partir de Constituição de 1988, o conceito passou a ser denominado “patrimônio cultural”, por se tratar de definição mais ampla e adequada para se referir aos bens culturais. Ele aparece nas dimensões:

MATERIAL: Sítios arqueológicos, obras arquitetônicas, monumentos urbanos, casas,

praças, obras de artísticas, entre outros.

IMATERIAL: celebrações e saberes da cultura popular, as festas, a religiosidade, a musicalidade e as danças, as comidas e bebidas, as artes e artesanatos, mitologias e narrativas, as línguas, a literatura oral, tradições e saberes

Veja alguns dos bens culturais que são patrimônios de João Monlevade

1. Hotel Cassino – Rua Cassino, 53 – Centro Industrial, JM;
2. Guarda de Marujo Nossa Senhora do Rosário – Av Getúlio Vargas, 4431 – JM;
3. Guardas de Congado de São João Evangelista e de Nossa Senhora Santana – (sem sede no momento);
4. Floresta Clube Doutor Henry Meyers - Rua Paraúna, nº 560;
5. Antigo Colégio Estadual - Avenida Getúlio Vargas, nº 100;
6. Escola Estadual Santana - Rua Tietê, nº 100;
7. Solar Monlevade - Avenida Getúlio Vargas, nº 100;
8. Antigo Hotel Monlevade - Rua Siderúrgica, nº 67;
9. Antigo Hotel Siderúrgica - Rua Siderúrgica, nº 52;
10. Antiga Rodoviária - Rua Beira Rio, s/nº;
11. Antiga Sede do Sindicato dos Metalúrgicos - Rua Paraúna, 677;
12. Conjunto Residencial - Rua Amazonas e Rua B;
13. Conjunto Residencial - Rua Israel Pinheiro;
14. Conjunto Residencial - Rua Paraúna, Rua Tietê e Rua Tapajós;
15. Conjunto Residencial - Rua Siderúrgica, Rua Beira Rio e Rua Piracicaba;
16. SENAI – Centro de Formação Profissional Nansen Araújo, Rua 23, nº 140;
17. Hospital Margarida - Rua Dr. Geraldo Soares de Sá, s/nº - Vila Tanque;
18. Embaúba Tênis Clube - Avenida Aeroporto, 147 - Vila Tanque;
19. Igreja Nossa Senhora de Fátima - R. Padre Hildebrando de Freitas, 286 - Vila Tanque;
20. ARPAS – Associação Regional de Promoção e Ação Social Rua Padre Hdelbrando de Freitas, nº 135;
21. Social Clube - R. Imbé, 229, Bairro Vila Tanque;
22. Escola Estadual Eugênia Scharlé - Avenida Aeroporto, nº03, Vila Tanque;
23. Conjunto Residencial da Avenida Aeroporto - Avenida Aeroporto;
24. Cemitério dos Escravos - Rua Imbé, s/nº, Bairro Vila Tanque;
25. Fundação Casa de Cultura – Rua Timóteo, 172, Nossa Senhora da Conceição;
26. Conjunto da Rua Imbé A – (Próximo ao ARPAS) Rua Imbé, Bairro Vila Tanque;
27. Conjunto da Rua Imbé B – (Próximo ao ARPAS) Rua Imbé, Bairro Vila Tanque;
28. Conjunto Vila Tanque - Casas de Madeira Rua 22, Bairro Vila Tanque;
29. Conjunto Vila Tanque – alvenaria Ruas 16, 17 e 18, Bairro Vila Tanque;
30. Igreja de Nossa Senhora da Conceição - Praça Pio XII, Bairro Carneirinhos;
31. Escola Estadual Dona Jenny Faria - Avenida Getúlio Vargas, s/nº, Bairro Carneirinhos;
32. Cemitério Carneirinhos - Rua Senhor do Bonfim, s/nº, Bairro Carneirinhos;
33. Praça do Lindinho - Avenida Wilson Alvarenga, Bairro Carneirinhos;
34. Praça Sete de Setembro - Avenida Wilson Alvarenga, Bairro Carneirinhos;
35. Residência na Rua João Batista - Rua João Batista, nº 27, Bairro Carneirinhos;
36. Igreja Sagrado Coração de Jesus - Rua Resplendor, nº 45, Bairro Teresópolis;
37. Igreja Nossa Senhora do Carmo - Rua Inglaterra, s/nº;
38. Casa do Bem Viver - Rua Nova York, 428, Bairro Novo Cruzeiro;
39. Antiga Funcec – Atual Doctum - R. Dezesseis, 24 - Vila Tanque;
40. Praça do Povo;
41. Igreja Evangélica Assembleia de Deus (Tempo Arca) - R. Evangelista, 134 - Alvorada;
42. Família Alcântara Coral - Rua Ipatinga, 240;
43. Maria Paulina de Paula – Conhecimento de remédios caseiros feitos de plantas

- Bairro Novo Cruzeiro;
44. Grupo Musical Tambores do Morro – bairro Novo Cruzeiro;
 45. Festa de Corpus Christi;
 46. Coral Monlevade / Casa da Banda (ao lado da Prefeitura Municipal de João Monlevade) – Rua Ricardo Leite, nº 272 Nossa Senhora da Conceição;

100%

DE COLETA SELETIVA NA CIDADE

A PARTIR DE

03 JUL

ATLIMARJOM

PREFEITURA DE JOÃO MONLEVADE

VOCÊ SEPARA.

A GENTE RECOLHE.

A NATUREZA AGRADECE!

SAIBA COMO SEPARAR O LIXO



Voz Alcântara é Coral de Vó Mena

Prêmio Louis Ensich: Categoria Conto/Crônica



2º Lugar: Maria Gláucia

Drummond de Alvarenga

Maria Gláucia Drummond é professora, pedagoga e escritora. Ela escreve contos, crônicas e poemas. É autora dos livros “Dentro de Mim” (poemas); “Colégio Kennedy 40 anos - Um Marco na história da Educação de João Monlevade”; “Banho não, Perfume!” (Conto infantil); “Do outro lado do tempo” (poemas); “Só para quem é criança”(poemas infantis) e publicou textos em várias antologias no Brasil.

As vozes saem arrastando consigo uma história, vinda de continente distante, em que gente sofrida vê o além-mar sem promessa de sonhos e esperança de orquestra, composta por baixos, tenores, contraltos, sopranos, o maestro e sua batuta: - numa família, a Alcântara, desde avós, até netos e bisnetos...

Tambores estremeçam o tempo e regressem ao passado... vó Mena e vô Pedro, do quilombo de Caxambu, no distrito de Padre Pinto, município de Rio Piracicaba, Minas Gerais, carregam para João Monlevade o seu gingado e, na dança e canto, revelam as suas origens: - “Viemos, viemos, viemos, navegando nas ondas do mar... ôh, ah, ôh, ah... navegando nas ondas do mar...”

Os antepassados, presentes nas manifestações musicais, reacendem os sentimentos que movem para a liberdade, por meio do seu canto e o som de seus instrumentos musicais. Raízes, representatividade viva da cultura afrobrasileira, remanescentes de um quilombo, de identidade africana, tribo nigeriana, talvez, sim, podem de lá terem vindo para cá, no estudo do DNA... povo que, sofrido, vive em meio aos diamantes em sua longínqua terra e, tão alegre, ri, ri, comenta naturalmente, na apresentação do Coral, em Ouro Preto, Anderson Alcântara, segundo regente: ” Vim de lá e ninguém tira o meu sorriso!!!”

Respeito à mãe, vó e bisá, Dona Filomena, todos têm. Nas histórias contadas, sempre a entoarem os cânticos aprendidos nas igrejas, assim como a prática em rezar, rezar... até para que a chuva venha, já que às vezes demora a chegar e, como diz José da Conceição Alcântara, se demora também, por mais de três a quatro dias, reza-se pra que ela pare já, implorando auxílio do céu, na canção: -” Santa Maria Madalena, pedia meu Deus que chuva na terra...”

E Pedrinho, o Mestre Pedro, Ivone de Fátima, Maria, José, Cassimira, seus pais e tantos outros nomes em carreirinha, abrihantavam as festas de Nossa Senhora do Rosário e o congado do Mestre Afonso, na cidade e região. Aos poucos, com a Família Reunida, nome pensado nos primórdios, pelo componente mais ilustre, Pedro, transformou-se em Família Alcântara Coral, sugestão do então amigo Luciano Lima. Brilho e encanto nos olhares de quem os viu e de quem os vê... arrepio em nossa essência de artista ou de meros apreciadores da arte!



Arquivo JAN

Vó Mena ensinou a tradição dos cantos afros para seus descendentes

A música dos Alcântara permite a viagem para os porões de navios negreiros... assobiam a dor da partida, da incerteza do retorno e da amargura de, pouco a pouco, o esquecimento tornar-se real e tão próprio quanto o ritmo da vida! Os sons produzidos pelos tambores são fortes e de inexplicável magia, como se proferissem o tormento de deixar a terra-mãe. Outras vezes, o coral de vó Mena galopa frases, ditos, bem como lugares, gestos e a identidade de seu povo que por lá ficou, nem chegou a vir para cá.

Sensibilidade do maestro Pedro Antônio de Alcântara que, desde a década de sessenta, fez (e faz) de sua família um cântico de amor, construído com as vozes que não se diluem, que se renovam e resgatam a cultura afro-brasileira e, com tamanho respeito e orgulho, também, a de nossa terra: - João Monlevade...: - “Povo daqui eu tô despedindo, eu já vou chorando, eu já vou sentindo... adeus, adeus, amor, adeus, adeus...”

- Oh, vó Mena, oh, vô Pedro, oh Mestre Afonso... gente que veio do mar... gente que veio pra ficar!

Perdido na Praça

Prêmio Louis Enschedé: Categoria Conto/Crônica



3º Lugar: Maria Auxiliadora Soares Pesce

Maria Auxiliadora Pesce, Dôra, é professora aposentada, de vez em quando escreve contos e crônicas. Já colaborou com vários jornais de Monlevade e região e trabalhou em assessorias de comunicação no setor público.

Década de setenta. Recém chegado em João Monlevade, o jovem Cláudio veio junto com a família em mudança para esta cidade e estava ávido pelas novidades que a nova vida poderia lhe proporcionar. Queria conhecer tudo!

Logo, ficou sabendo de alguns pontos interessantes e, dentre eles, o Colégio Estadual, onde a juventude estudantil se juntava na praça em frente, para os flertes, namoros ou simplesmente encontros furtivos. O Colégio Estadual era, do lado de dentro, uma referência de ensino rígido, tradicional e, do lado de fora, um local suntuoso e belo, com suas colunas arqueadas formando um corredor bucólico e romântico, mas também alegre e cheio de gente bonita.

Certo dia, quis o jovem Cláudio conhecer tão falado local e chamou seu amigo Vandinho, que tinha uma moto, para levá-lo. Mas, o Vandinho era aquele amigo apressadinho e desassossegado. Disse que não poderia demorar, e, ‘para despistar’, parariam em frente ao Cine Monlevade (que fazia parte daquele complexo) pra ver o nome dos filmes e logo iriam embora.

- Eu paro, aí você aproveita e dá uma olhada no ambiente, frizou.

E foram, de Carneirinhos ao Colégio Estadual. Sol escaldante das onze e meia, hora de final de turno escolar. Cláudio, na garupa da moto, tirou a camisa, colocou no assento e fechou os olhos pra saborear o vento. Chegaram na praça, o Vandinho fez o contorno, parou em frente ao Cinema, leu os cartazes dos filmes, arrancou a moto e foi embora. Coisa de um minuto! No caminho de volta, ele foi conversando, perguntando coisas, falando dos filmes que já assistiu, quando percebeu que o Cláudio não estava na garupa.

- Meu Deus!!! Caiu!!! Só restou a camisa dele!!!

Parou a moto imediatamente e o pânico entrou em cena! Ficou um tempo com a cabeça entre as mãos... olhar assustado, pensando o que poderia ter acontecido! Logo, ligou a moto, fez o caminho de volta e foi pensando onde ele poderia ter caído. Não encontrando nada, pensou que alguém poderia tê-lo visto acidentado e levado ao Hospital Margarida... ‘Foi isso!’, mudou de ideia, virou a moto e decidiu ir pra lá.

Na portaria do hospital... - Moço, não entrou aqui agora um rapaz acidentado de moto? - Não seria de bicicleta? perguntou o atendente. ‘Deu entrada aqui



Reprodução/Dilô

Praça Ayres Quaresma: um dos espaços da cidade que ainda deixa saudades e lembranças

agora um rapaz acidentado, disseram que era bicicleta’.. emendou.

- Nããããão, moço, é de moto!!! Ele caiu da minha moto no asfalto!!! Meu Deus!!! É ele!!! Olha pra mim o nome dele...por favor... grita desesperado o Vandinho!

O atendente entrou e o Vandinho ficou esperando...

Enquanto isso, lá na praça, encontrava-se o descamisado e perdido Cláudio, também desesperado, porque o amigo o deixou pra trás. Só desceu um minuto pra esticar a perna e o apressadinho foi embora! Não podia pegar ônibus, não conhecia ninguém e não tinha como se comunicar... ficou andando igual barata tonta e sem saber o que fazer, quem sabe o Vandinho voltaria lá...

No hospital, o Vandinho já estava mais tranquilo pois certificou-se que o acidentado não era o seu

amigo Cláudio. Mas, a cabeça ainda fervilhava com a ideia de que ele caiu da moto! ‘Pode ser que não se machucou, alguém passou e o levou pra casa’, pensou. Assim, ligou a moto e se dirigiu para casa do seu amigo.

Já no entardecer do dia, o coitado do Vandinho passou o último constrangimento de chegar na casa do Cláudio, não o encontrar e ouvir dos familiares o famoso “cadê ele, que estava com você?” E, quando se preparava para responder, chega de carona o furioso Cláudio, protagonizando uma meia hora de questionamentos, xingamentos e devidos esclarecimentos, o que contribuiu para amenizar o sofrimento e acalmar os nervos de todos. Como se não bastasse, o Vandinho ainda perguntou ao Cláudio se ele tinha gostado do Colégio Estadual...



João Monlevade, uma cidade turística

Câmara aprova projeto que une Cultura e Turismo para fomentar o setor

João Monlevade pode tornar-se uma cidade turística, atraindo visitantes do Brasil e do Mundo? A resposta é sim. E por que não? É preciso valorizar, recuperar e entender a rica história da cidade, para desenvolver o potencial para o setor do turismo. A origem do município, na primeira metade do século XIX, se fortalece com a implantação da siderurgia na segunda metade do século XX. Por definição, Monlevade foi criada a partir de dois grandes europeus pioneiros.

O primeiro, o francês, Jean Antoine Félix Dissan-

des de Monlevade, que chegou ao Brasil em 1817 e trouxe seu conhecimento em mineralogia, seus ideais e o espírito empreendedor que mudou a história da região, de Minas e do Brasil.

A partir da década de 1820, já instalado na região, Jean Monlevade, com sua visão e coragem inicia uma das mais importantes Fábricas de Ferro do Brasil Império. Como todo o empreendimento à época, era usada a mão de obra escravizada. O próprio engenheiro Monlevade treinava os escravizados para a técnica de fundição, que produzia

50 arrobas de ferro por dia.

Com uma potente forja Catalã, movida à água, que a diferenciava de outras fábricas de ferro da região e de Minas, a de Monlevade produzia enxadas, foices, machados, alavancas, pás, ferraduras, cravos, martelos, puxavantes, freios para animais, moendas para engenhos de cana, entre outros artefatos. A qualidade de seus produtos impressiona. Para escoar sua produção, Monlevade abre estradas, conecta o então inóspito sertão a outras paragens do estado. Inclusive, apresenta

estudos do que seria no futuro, a BR-262, uma estrada até o Espírito Santo.

Em 1827, ele compra novos e maiores equipamentos, que vieram da Inglaterra até o Rio de Janeiro e de lá, até Vitória. Esse material veio da Europa de navio, mas chegou à região após a subida do rio Doce, numa verdadeira epopeia. A expedição foi comandada por outro francês, Guido Thomaz Marlière, com ajuda de indígenas, que trouxeram o pesado maquinário em canoas. A chegada desse material consolidou a segunda fase da fábrica de Monlevade, como uma das mais prósperas da época.

É a partir daí, que ele começa a fornecer instrumentos mais robustos, para companhias estrangeiras que iniciavam a mineração no Brasil. Foi com o ferro produzido por Monlevade que a mineração de ouro ganhou ainda mais força. A fábrica dele produzia cabeças de ferro forjado, de 80 quilos, chamadas pelo próprio Jean de Monlevade, de “mãos de pilão” e foram fundamentais para a retirada de ouro na segunda metade do século XIX em toda Minas Gerais.

O segundo pioneiro, o luxemburguês Louis Enschede, que implanta nas terras de Monlevade, a Usina mais completa, moderna e tecnológica da América Latina em 1935. Com esse feito, a cidade é considerada berço da siderurgia nacional, que atraiu milhares de trabalhadores de Minas, do Brasil e do Mundo. Sobretudo, de Luxemburgo e outros países europeus.

Para abrigar essas pessoas, Enschede construiu a cidade, com casas para os operários e toda a estrutura necessária para a vida social. Sem a Usina, a cidade não existiria. E a usina só

existe, porque Monlevade chegou cerca de um século antes e deu início a tudo. Todo o nosso patrimônio histórico material é fruto das obras dos dois: o Solar, o Cemitério Histórico, o Hotel Cassino, a Vila Operária, o Hospital Margarida, a Avenida Aeroporto, a Igreja São José Operário, só para citar alguns.

LEGADO

Hoje, depois de 200 anos de Jean e 88 após o começo da siderurgia com Enschede, a memória desses dois homens precisa estar viva. Seus espíritos grandiosos devem ser lembrados, trabalhados e discutidos, para não serem esquecidos. Não somos apenas uma cidade a 100 km de Belo Horizonte, às margens da BR-381. Somos berço da siderurgia nacional, cujo elo com a Europa se dá desde a fundação, com o francês e da edificação, com os Luxemburgueses e demais europeus. Fora os trabalhadores de toda a região que se mudaram em busca de oportunidades e nova vida. Além disso, a cidade precisa despertar sua vocação para a inovação, recuperar laços com outros países e elevar-se ao que é, de fato, seguindo sua vocação para o pioneirismo.

CÂMARA APROVA PROJETO

Para fomentar o turismo, a partir desse contexto histórico, os vereadores de João Monlevade aprovaram um projeto de Lei para fomentar o turismo no município. A matéria insere o setor na pasta da Cultura como finalidade da Fundação Casa de Cultura. Com a aprovação, o município pode pleitear e captar recursos para ações de geração de receitas em prol do desenvolvimento de programas e projetos que melhorem a infraestrutura e promovam o turismo municipal. Além disso, a Fundação será responsável pela promoção e defesa do patrimônio histórico, artístico e cultural da cidade.

A iniciativa é justificada com ação semelhante da Secretaria Estadual de Cultura, pioneira na criação do ICMS de Turismo, como forma de incentivar os municípios a cria-

rem circuitos turísticos. Desta forma, as cidades precisariam aprovar uma lei própria criando o departamento para operar, planejar e desenvolver trabalhos para o setor, bem como captar recursos para fomentar a área.

AGENDA VIVA

E é justamente a união entre turismo e cultura, um dos caminhos apontados pela Agenda Viva - Plano de Metas para a Cidade, desenvolvido pela Associação Comercial Industrial e de Prestação de Serviços (Acimon) e Sebrae.

Em um dos eixos temáticos, a Agenda Viva aponta a valorização da história, com a criação de circuitos históricos e turísticos. Segundo a agenda, “os acontecimentos históricos que atravessam a existência da cidade são experiências singulares que permitem que o seu território possa contar um pouco da história de Minas Gerais e do Brasil”.

Além da história, a cidade possui a siderúrgica referência mundial na produção de fio máquina, matéria prima de aço usada em diversos produtos. Isso leva João Monlevade a ser reconhecida como Capital do Fio-Máquina”. Esse título, também foi aprovado pela Câmara Municipal, como identidade local e que pode ser usado para incentivar e fortalecer o setor turístico.

ECOTURISMO EM PAUTA

Além desses elementos, outro fator positivo é o potencial da cidade para o ecoturismo. Com trilhas, matas, rios, Serra do Seara, Floresta Clube, por exemplo, Monlevade pode desenvolver ações para atrair mais visitantes e fortalecer o turismo nessa área.

Recentemente, vereadores e representantes da Prefeitura, realizaram audiência pública para debater o assunto e desenvolver ações para o seguimento ser melhor explorado e desenvolvido. Sem dúvidas, essa é uma aposta para fortalecer o turismo na cidade.



GESTÃO RESPONSÁVEL

E BOAS IDEIAS PARA INVESTIR NA SEGURANÇA DE NOSSAS ESCOLAS

Só nestes primeiros meses do ano, a Câmara Municipal de João Monlevade **já economizou R\$ 100 mil reais** que serão devolvidos para a Prefeitura. Mesmo com as economias foi possível realizar várias ações, sem prejudicar o andamento da Casa.

Além disso, o Legislativo irá sugerir que a verba seja **usada no Projeto Vigilância Colaborativa nas escolas do município**, através da compra e instalação de câmeras de segurança. Uma iniciativa para proteger os nossos estudantes e professores.

Afinal, um futuro melhor está na educação.



Câmara Municipal de João Monlevade
BÊNIO 2023/2024
Câmara forte, cidade forte!